

# Preservação ambiental mais rígida no País

Reserva particular do patrimônio natural Cara Preta será fechada à visitação

Daniela Caride  
do Rio

Um novo conceito de preservação ambiental — muito mais rigoroso que a transformação de áreas naturais em reservas ecológicas visitáveis — está surgindo no Brasil, renovando esperanças para áreas de preservação de espécies em extinção. Será inaugurada amanhã, dia 31, a reserva particular do patrimônio natural Cara Preta, no ponto culminante do Planalto Central, que estará fechada a visitação.

“A idéia é mitificar mesmo. É mostrar que aquela parte da natureza do planeta é intangível e assim deverá permanecer. Só entrarão pesquisadores, cientistas e convidados”, diz o empresário Paulo Maluhy, financiador e idealizador do projeto. Segundo relatório lançado no mês passado pela organização não-governamental ambientalista WWF — Fundo Mundial para a Natureza, não há nenhum parque ecológico totalmente implantado no País e quase todos estão sendo afetados por atividades incompatíveis com sua finalidade de preservação.

Apesar de sua ocupação não ter qualquer relação com ecologia — é proprietário da rede de pizzarias Cristal e de “casual food” América, em São Paulo — Maluhy é um amante da natureza. Seu feito, que lhe custou investimentos de US\$ 2 milhões, é um sonho realizado, afirma ele. “Cara Preta é um templo da natureza, um lugar contemplativo”,

divaga o empresário que apaixonou-se pelo local após passar uma temporada de férias por lá.

De fato, a compra do terreno e preservação da área foi bem recebida por ecologistas, já que, em Cara Preta, área vizinha ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, está localizada a nascente mais alta do Brasil. “A área estava ameaçada pelo forte turismo na região e felizmente sua degradação foi evitada”, conta um dos integrantes do WWF, Ricardo Mesquita, instalado em Alto Paraíso.

O Córrego Cara Preta nasce aos pés do maciço Pouso Alto, formadora do Rio Preto, que vem desaguar no Rio Tocantins. Esse ponto é representativo de uma flora nem mesmo reconhecida como um bioma brasileiro: o cerrado — o que significa que não há intenção nas leis ambientais brasileiras de preservá-lo.

Alto Paraíso é hoje um santuário goiano da ecologia e do misticismo. Com 2,6 mil quilômetros quadrados e a 230 km de Brasília, o município é um dos mais apreciados cartões postais de Goiás e recebe anualmente milhares de turistas interessados em entrar em sintonia com as forças da natureza. Montanhas, precipícios, cachoeiras, minas de cristal e flores típicas do cerrado, montam o

cenário que tornou-se lar de quarenta grupos místicos, filosóficos e religiosos. O lugar passou até a ser conhecido como a capital brasileira do Terceiro Milênio.

Muitos mistérios alimentaram sua característica religiosa, como sua posição com relação às coordenadas da Terra: Alto Paraíso é cortada pelo paralelo 14, que passa também sobre a lendária cidade peruana de Machu Pichu. Não faltam histórias fantásticas sobre a região: aparecimento de discos voadores e seres extraterrestres que

povoam a imaginação de quem rumo para a região em busca de mistério.

A cidade conseguiu crescer com a curiosidade que despertou,

mantendo hoje uma crescente estrutura para o turismo, com hotéis, pousadas, aluguel de quartos e residências. Até mesmo os quintais são alugados durante temporada para abrigar os turistas adeptos do campismo.

A reserva será gerida pela organização governamental Oca Brasil Sociedade Civil, fundada por Paulo Maluhy. A idéia é manter as multidões que fazem turismo na região longe da reserva, evitando acampamentos e sobretudo aglomerações, que possam trazer dano ao habitat.

“A área é um tombamento do pa-

trimônio ecológico do mundo. É a doação e a preservação de um pedaço de terra à humanidade”, diz Maluhy. A inauguração da reserva será marcada pela realização de uma palestra, em Alto Paraíso, ministrada pelo conceituado ambientalista Paulo Nogueira Neto, vice-presidente do WWF e também membro do Advisory Group do PP-G7 como assessor do Banco Mundial (Bird) e do governo brasileiro.

A iniciativa do empresário dá fôlego novo àqueles que vêm lutando pela preservação ambiental no Brasil. Um relatório do WWF mostra que mais da metade das 86 unidades pesquisadas (54,5%) estão em situação precária de implementação, deixando a natureza em posição vulnerável à exploração ilegal de recursos naturais. Outros 37% estão minimamente implementados e apenas 8,5% (sete unidades) foram consideradas razoavelmente implementadas, conforme o relatório.

Das 91 unidades de conservação federais, só foram analisadas as criadas há mais de seis anos, considerado tempo mínimo para sua concretização. As 86 unidades verificadas cobrem apenas 1,85% do território nacional ou cerca de 160 mil quilômetros quadrados. Isso coloca o Brasil entre os países, que têm algum programa de preservação, com a menor área protegida em seu território: a média mundial é de 6%, segundo os dados do Fundo Mundial para a Natureza, a WWF.

**A compra do terreno e preservação da área foi bem recebida por ecologistas. O total investido chegou a US\$ 2 milhões**

30/3/99  
GMM  
A-14